

Hoje terminei de copiar, no ponto Internet, “BISSAU DOIS bis”. No primeiro dia útil da antepenúltima semana antes da conclusão da minha permanência, entregarei o texto à diretora, com a esperança que possa lê-lo de imediato, de modo que possa ser enviado para tradução no dia seguinte e, assim, recebê-lo de volta e distribuí-lo enquanto ainda estarei aqui.

Todavia, não farei o envio para o tradutor na Escócia do hospital, do setor. Vou enviar o documento do ponto Internet e lá receberei a resposta. Desta forma, a despesa, para mim, será praticamente nula.

T. telefonou e disse que, embora considere muito importante para si o trabalho de formação comigo, não pensa que aceitará a minha oferta de compensar o ‘resgate’ exigido pelo FundoMundial, e que, pelo contrário, aceitará a renovação do contrato com eles. Se assim não fosse, a parte da Secretaria ligada ao FundoMundial deveria formar outras pessoas para completar o trabalho. Propus-lhe de nos encontrarmos e falarmos pessoalmente, pronta que estou a respeitar a sua escolha, visto que, desde que começou esse maldito trabalho, temo-nos encontrado apenas rapidamente.

Finalmente, o encontro. Entreguei-lhe a cópia em português de “BISSAU DUE”, disse-lhe o que penso sobre o FundoMundial e o quanto lastimava o fato de não fazer formação com ela, que tem muita mais experiência, e quanto teria gostado de deixar nas suas mãos a possibilidade de representar um fulcro do qual o percurso teria continuado, a espalhar-se como raios ao redor de um núcleo. Juntas, combinamos de emprestar o livro sobre as relações eficazes que chegara de Portugal a B., para que se possa trabalhar com ela.

Hoje, entreguei “BISSAU DOIS bis” à diretora, que se disse muito curiosa, e prometeu devolvê-lo amanhã. T. fez com que o livro chegasse rapidamente, e eu agradei por isso. B. está muito interessada na leitura e em trabalhar comigo a respeito dos conteúdos, durante as próximas duas semanas e meia. B. está também disposta a trabalhar algumas horas juntas, somente com os novos pacientes. Em todo o caso, demos os telefonemas para o grupo da quarta-feira desta semana e, por não termos encontrado a todos, continuaremos a chamar amanhã.

A questão de base é que a greve está a continuar, a situação não apresenta possibilidades de saídas e tudo isso ocorre em nível nacional da Guiné Bissau. Nenhum funcionário do setor da saúde recebeu o último salário. Com isso, são muito poucas as pessoas que vêm ao setor, que continua aberto, somente para retirar os remédios e em caso de alguma urgência. Por estarem a par dessa greve tão importante, as pessoas não correm o risco de uma viagem inútil.

Ontem, tive a sensação que B. viesse ao trabalho obrigada, que não estivesse com a mínima vontade de trabalhar comigo na formação e que, pelo contrário, quisesse aderir à greve para dedicar-se a outras coisas. Dessa forma, a sua atitude tornava-se contraproducente. A última nova entrada que acompanhamos juntas, uma mulher, expressara com clareza o desejo de falar, chorar e ser ouvida. B. permaneceu impassível. Hoje virá somente para o grupo e tenho a intenção de dizer-lhe que está livre, que eu não preciso de ninguém que faça as coisas de maneira obrigada.

Tive uma ideia, que apresentei à diretora, e que a acolheu positivamente. Trabalhar com o enfermeiro responsável pela entrega dos remédios, já que ele também fala um pouco francês, e abordar sugestões e aspectos, vivências psicológicas. O enfermeiro concordou.

Por sorte, antes de tudo isto, encontrei justamente a mulher que ontem manifestara o desejo de falar e chorar: vinha para os demais exames necessários à nova entrada. Falava francês! Falou e chorou. Medo de morrer. Disse-lhe que, se quisesse pensar em morrer, podia fazê-lo mas que, se obedecesse aos tratamentos e aos controlos, podia viver, e, de certa forma, bem. Falou, chorou. Muita vergonha. A sensação que todos, na rua, soubessem. Disse-lhe: “Entendo, já que tu sabes, tens a sensação que os outros também saibam como se pudessem ler o seu coração, mas ninguém sabe, até aqui no hospital, tudo é mantido sob sigilo”.

Contou-me que era casada e tinha dois filhos de 13 e 17 anos, mas há 5 vivia separada do marido. Havia um novo homem que prometeu casar-se e a mulher acredita que tenha sido ele a contagiá-la. Perguntou se pode ter outros filhos. Sim, com o acompanhamento do hospital, com o parto no hospital, amamentando no máximo por um ano e sempre com a supervisão do hospital. Estava feliz por ter conseguido falar comigo, já ontem trocamos olhares, em face da atitude glacial de B. Eu também estava feliz por tê-la reencontrado hoje. Agradecemos uma à outra.

De seguida, comecei o meu trabalho com o enfermeiro responsável... e pude perceber na pele a ternura, a suavidade e a paciência da sua maneira de se colocar com as pessoas, de repreendê-las quando não tomavam os remédios de modo correto, ou não compareciam no dia certo, assim como de felicitá-las, nos casos contrários. Hoje, primeiro dia deste novo trabalho, sempre poucas pessoas, sempre por causa da greve.

Ontem, recebi também de volta, da diretora, "BISSAU DOIS bis"; percebi e ouvi diretamente a grande estima e o apreço que ela testemunhava. Portanto, mandei o trabalho para a tradução, que chegará aqui antes do meu último final de semana de permanência, para que possa distribuí-lo e talvez conversar a respeito com alguém, antes de viajar.

Aconteceu também a terceira sessão do grupo. 4 mulheres, das quais uma muito decidida, que veio a todos os encontros; duas, que compareceram na primeira ocasião e uma nova, convidada por mim e por R. quando da primeira entrevista para a nova entrada. Veio B. que, por sorte, não adotou práticas que bloqueassem os presentes. Depois do grupo, disse-lhe o que já tinha decidido dizer-lhe e, a partir de agora, tenho a intenção de trabalhar apenas com o enfermeiro responsável.

O grupo falou um pouco sobre as preocupações e a necessidade do tratamento para toda a vida, dos efeitos colaterais, das necessidades de atenções e cuidados. Por trás de uma pergunta minha específica, as quatro mulheres disseram que pensavam ter sido infectadas por via sexual. É importante que a mulher que entrara aos prantos na sala de consulta comigo e T., que não sabia como enfrentar a questão com o marido, que ainda não falou com ninguém já que o marido está a viajar, que veio ao primeiro e ao encontro em curso do grupo, tenha sido ajudada pelas outras, que sugeriram, em primeiro lugar, que o marido fizesse o teste e depois falar com ele.

Agradei e me despedi, marcando o encontro em 15 dias, que será o meu último encontro com o grupo. Foi também avisado que até agora foi possível avisar pelo telefone, graças à disponibilidade do meu plano, mas que, no futuro, o encontro será marcado oralmente, a cada 15 dias.

Ainda, ao repensar aos meus estudos de antropologia e à clitoridectomia, repentinamente lembrei de como, num dos meus livros, falava-se de propor a execução do ritual, num procedimento simbólico, não efetivo e real. Acredito seja uma excelente indicação que possa ser colhida e propagada às organizações que se ocupam da questão.

Acredito que o microfone da mesquita perto da casa onde moro tenha quebrado. Já faz vários dias que quase não ouço o chamado do muezim, às seis da manhã e nas 4 ulteriores ocasiões do dia. Não mais um grito, apenas uma voz que sussurra roucamente.

E, em frente ao Hospital Nacional Simão Mendes, ergue-se o prédio da Organização Mundial da Saúde, OMS. Desde que estou aqui, nunca vi a sede aberta, e só vi entrar ou sair alguns militares.

Uma família de Guiné, abastada e estritamente católica, em ocasião dos 10 anos do falecimento do chefe da família realizará um tríplice ritual. Sacrificou três porcos, mandará celebrar uma missa e, sucessivamente, oferecerá um banquete ao inteiro bairro. Eu também fui convidada.

O banquete, especialmente em ocasião de funerais ou aniversários de luto, é algo a que assisti e participei várias vezes, porque é muito comum na Sicília e, por parte de pai, as minhas origens são por metade sicilianas.

Hoje também trabalhei com o enfermeiro responsável. É evidente, porém, que quem vem para retirar os remédios está resolvido a continuar o tratamento e não vivencia crises peculiares.

Esta manhã, todavia, criei coragem. Ontem, aquela pessoa fantástica da Secretaria de combate ao SIDA, com quem havia mantido contactos por correio electrónico desde a Itália e que fala italiano, além de me pedir as versões em italiano e português dos meus relatórios, que entreguei hoje, propôs-me, vista a efetiva ausência de T. e a ausência moral de B., de trabalhar, durante este último período, com E., a psicóloga que se dedica à SIDA na pediatria.

Já mantive algum contacto com ela e tive a impressão que não conseguíamos nos entender por causa da língua. Esta manhã, criei coragem e disse àquela bela pessoa da Secretaria que queria tentar, na pior das hipóteses teríamos nos entendido com a gestualidade. Então, E. é chamada, mas está noutra lugar e manda dizer que chegará por volta das 10:30, 11 horas. Aguardei até as 12:00 mas ela não chegou. No meu texto do ano passado, concluía com esta frase: "Para a África, é preciso ter muita paciência". Isso continua a ser verdade.

Em todo o caso, sucessivamente falei com E. pelo telefone e marcamos um encontro às 8 horas do primeiro dia da minha penúltima semana. Falei também com o meu contacto na Secretaria, que voltará a falar com E. e, provavelmente, poderemos definir um trabalho justamente no setor de pediatria.

Finalmente consegui entender uma das razões, não a única, pela qual o banheiro da casa onde moro está quase sempre meio alagado. Abdoul diz-me que, antes de rezar, precisa lavar-se porque os muçulmanos só rezam depois de ter providenciado a higiene pessoal. E, depois destas abluções, ele não enxuga o banheiro.

Nunca vi e ouvi tantas pessoas a rir em ocasião do aniversário de um falecimento, embora o choro não fosse esquecido. É verdade, como para as crianças, em sentido positivo: as pessoas simples estão mais próximas da terra, àquilo que é originário, e a vida e a morte, a morte e a vida, estão em completa harmonia entre si.

Ontem, o imunologista falou comigo e reforçou que, para ele, o factor mais importante é a informação. Deu-me o exemplo de uma pessoa acometida por tuberculose que fez o tratamento somente por alguns poucos meses, de seguida abandonou por um longo período e agora retornou. Justíssimo o facto de insistir sobre a informação. Mas eu, do meu lado, tomei a liberdade de insistir sobre a necessidade de ouvir os sentimentos e os pensamentos que estão por trás do abandono. Até que ponto, por exemplo, o abandono deve-se também ao facto que a “medicina ocidental” seja identificada com o antigo colonialismo e com os danos e as penas que trouxe?

O banquete fúnebre durou da noite antes até a noite sucessiva e, por uma parte, até o pequeno-almoço do dia subsequente.

Deve haver algum animal morto, ou a morrer, no quintal do casebre enfrente à casa onde moro. No telhado, aos pedaços, há um grande número de abutres, prestes a atirar-se sobre a sua presa.

O pai da amiga de T. faleceu há uma semana. Soube disso por um rapaz que encontrei ao entrar hoje no hospital, primeiro dia da minha penúltima semana aqui. Este rapaz estava internado no mesmo quarto desse senhor e sempre me via quando ia visitá-lo. Chama-me pelo meu nome para me informar do acontecido.

Então, setor de pediatria com E., E pede-me para falar, devagar, em italiano, porque está mais próximo do português de quanto não o seja o francês, e ela entende melhor. E é espantoso notar como, nas únicas duas horas de trabalho que foi possível fazer, por conta, aqui também, das graves, nos esforçamos muito e, de fato, conseguimos nos entender.

A Pediatria é um setor de consulta médica e psicológica para crianças e adolescentes, consulta psicológica não limitada a quem sofre de SIDA. Além disso, E. colabora por alguns aspectos com a maternidade. O setor é frequentado por pais e mães, mas sobretudo mães, que acompanham os seus filhos, ou adolescentes não acompanhados.

Hoje, uma mãe com uma criança de dois anos, com diarreia, muito agitada, diz ela. Um menino nervoso, que tem dificuldades para dormir. E. estava a sugerir-lhe que brincasse e desenhasse muito. Peço-lhe para que pergunte se, antes do transtorno da diarreia, o menino era assim. Não, não era assim. Portanto, o transtorno psicológico parece ser uma consequência do físico. Sugerimos aprofundar com um médico. Quando sozinhas, explico para E. que é muito importante, antes de procurar causas e remédios psicológicos, excluir quaisquer aspectos físicos.

De seguida, uma adolescente, uma garota com pensamentos fixos difíceis de deter, pensamentos negros, mais fortes desde que o irmão faleceu num acidente, há dois anos. Pensamentos sobre deus e sobre o diabo. A garota tem esses pensamentos desde criança e com E. tentamos entender se ela consegue identificar a sua origem, se algum familiar, mãe, pai ou outros, já viveram experiências parecidas que ela teria mutuado. Nada emerge. O que pode ajudá-la? Não sabe. Sugiro, como possibilidade hipotética, e E. acolhe plenamente, que escreva (a garota frequenta a escola) tudo aquilo que pensa e sente, sobretudo o que sente, porque, muitas vezes, esses pensamentos “deus/diabo” são consequência de sentimentos ditos negativos, e por isso esmagados pela consciência. Digo, com a tradução de E., que não existem sentimentos bons ou maus, mas apenas sentimentos, assim como os dedos das mãos ou dos pés. A música também a ajuda, diz a garota. Sugiro também que escreva os seus sonhos. A garota pergunta se deve usar algum remédio. E. explica que os remédios criam dependência. Marcamos um encontro em 4 dias.

Ao ficar sozinha com E., ressalto que, a meu ver, se trata de um “transtorno da personalidade de tipo paranóide” e não uma psicose franca, já que a garota tem consciência do seu transtorno e isso é, sim, menos grave, embora mais difícil de suportar. Saliento também que não estou contrária ao uso de fármacos quando forem assumidos em doses leves, mas, por exemplo, para uma depressão grave, uma angústia paralisadora, isto pode ser útil também para trabalhar melhor durante a terapia: uma pessoa com depressão grave lerá sempre com óculos escuros qualquer coisa que eu, terapeuta, possa dizer.

Mais uma mulher muito ansiosa por causa do filho de dois anos, com febre há dois dias. E. e eu sugerimos-lhe que aguarde mais um pouco, para que o tratamento contra a febre comece a surtir efeitos. Mais uma vez sozinha com E., explico que, no ano passado, tive a ocasião de constatar quanta ânsia e preocupação manifestam-se de imediato diante dos primeiros sinais de transtornos físicos: num país como a Guiné-Bissau, com expectativa de vida de 48 anos, o medo da morte está sempre à espreita.

Para terminar, fomos ao setor de “maternidade”, para visitar uma mulher que, depois de 5 abortos espontâneos em sequência, agora está grávida, no quarto mês. O marido, como escrevia no ano passado, dava-lhe a culpa desses abortos. A mulher, hoje, está com uma expressão de grande felicidade, e é o que lhe digo. Sugiro até, com a tradução de E., e no ano passado também ofereci esta mesma sugestão, que não fixe demais o pensamento sobre o desejo de um filho, porque, muitas vezes, esta é a causa dos abortos: na Itália, por exemplo, muito frequentemente mulheres com histórico de vários abortos ou que não

conseguem engravidar, tão logo desistem e adotam uma criança, ficam grávidas e o menino vem tranquilamente ao mundo.

Entrego a E. o texto “BISSAU DOIS” em português e, juntas, vamos pedir a B. o livro, que o entregará amanhã.

A pediatra, esposa do imunologista, enviou-me pelo celular uma mensagem belíssima a respeito de “BISSAU DUE” no último final de semana. Escrevo disso somente agora porque precisei guardar dentro de mim, por um tempo, o calor que dela emanava.

Hoje, a pessoa da Secretaria pediu-me para falar, junto com E., com uma adolescente de 16 anos que perdeu ambos os pais, e que estava acompanhada pela irmã mais velha, e à qual não havia sido explicado claramente que estava com SIDA.

Dizem-nos que não toma os remédios com regularidade. E. é muito competente e afetuosa ao falar com a garota. Eu entro na conversa três vezes. Numa das três, destaco que a atitude opositiva é normal na adolescência. Noutra, pergunto se é excessivamente cansativo pensar de tomar os remédios pela vida toda e manter relações sexuais sempre protegidas. A garota, que antes não queria falar, concorda e chora. Na terceira vez, digo à garota e à sua irmã, que não sabe como ajudá-la, que é importante que a garota se sinta livre de escolher se viver ou morrer. Somente assim podem-se mobilizar os recursos.

E. lera de imediato “BISSAU DUE” e me disse que é muito interessante justamente o aspecto cultural. Destaco que a cultura é a moldura e todo o restante é subjetivo nas pessoas. Dei-lhe “BISSAU DOIS bis” que chegou muito mais rápido do que esperava e pegou o livro de B. Parece estar muito interessada. Portanto, falamos um pouco de como pode ser considerado “objetivo” somente aquilo que se pode fotografar e registrar. As reações a isso são apenas únicas e subjetivas.

Conheci uma Guineense que fala muito bem francês e com quem fiz amizade. Propôs de arrumar os meus cabelos como as africanas e aceitei. Abdoul diz que rejuvenesci de 20anos. Estes penteados são autênticas obras de arte.

E. parece ter um talento natural para a abordagem humanística. De fato, já usava em parte as modalidades de relação das quais estamos a falar. Por exemplo, diante dos desenhos das crianças, mais do que interpretar, pedia explicações ao autor: um menino de 8 anos desenhara o pai sem braços e a explicação que deu foi que fez assim porque o pai o bate. Teriam sido dezenas as possíveis interpretações, dadas pela cabeça, mas nenhuma dela teria sido adequada.

Entre as inúmeras coisas trocadas hoje com E., já que lera em parte o livro, houve isto: a pessoa sabe mais do que nós, terapeutas, mas muitas vezes não sabe de saber e a nossa função é sobretudo de ajudá-la a encontrar a própria verdade.

De seguida, retomamos o conceito da objetividade válida, esta também de modo relativo, somente se podemos fotografar e registrar, e ampliamos este ponto até abranger o comportamento humano: não posso fotografar “preguiçoso” ou “indisciplinado”, posso fotografar o comportamento que me levaria a dizer isso. A reação, ainda, a este comportamento é subjetiva e relativa. Isso conduz à total ausência de julgamentos e etiquetas.

E, de fato, continuamos a falar da aceitação, que não significa aprovação, e isso E. compreendeu-o de imediato. Falamos na empatia, na escuta ativa, no reflexo empático como espelho, de que E. percebeu logo a importância.

Para ela foi mais difícil compreender a aceitação do desespero, refletir, como espelho, “Tudo bem resolveu morrer”.

Começamos a falar das barreiras postas à comunicação e à relação. É difícil, para um terapeuta, não usar conselhos, oferecer soluções, fazer com que a solução emerja da pessoa ajudada ou, em última instância, propor hipóteses e ver se a pessoa entra em sintonia com elas.

Fomos, então, visitar a mulher com SIDA internada na unidade de terapia intensiva, que a pessoa da Secretaria havia indicado. Na ocasião, E. não conseguiu, mas eu sentia que ela tinha ciência disso, não usar sugestões e, em parte, atitudes de conforto. Na verdade, percebeu muito bem que eu conseguia ler o olhar decidido da mulher e que o meu refletir isso à paciente estava-a a ajudar.

Finalmente, começamos a falar da importância de comunicar na primeira pessoa, com mensagens-Eu, quando estamos em área de recusa, quando algo nos incomoda, quando, na outra pessoa, há alguma coisa que não nos deixa à vontade.

E contei-lhe de um homem que seguia na terapia e que veio até mim dizendo que queria começar a traficar drogas. Se eu o tivesse posto para fora do meu consultório, é isso que teria feito. Disse-lhe “aceito-o, mas não aprovo-o”. Na sessão sucessiva, disse-me ter desistido daquele projeto.

E. pensou também em formar grupos de pais para transmitir estas modalidades e estas competências de relação: isto poderia ajudá-la a ajudar.

E. estudou na Rússia por seis anos e retornou em 2012 para trabalhar em Guiné-Bissau. É um daqueles profissionais pelos quais tenho uma estima infinita e dos quais falo em “BISSAU DOIS bis”.

Infelizmente, consertaram o microfone da mesquita perto da casa onde moro.

Semana que vem, a última que passarei aqui, será muito curta. De facto, em Guiné-Bissau existe o hábito que, quando um feriado cai aos domingos, o dia seguinte não se trabalha: o dia primeiro de maio, o dia dedicado aos trabalhadores em vários países do mundo, será num domingo, razão pela qual a segunda-feira sucessiva será feriado. Eu deixarei este país no domingo sucessivo, portanto os dois dias antes de viajar, dos quais um dia útil, serão para mim dias de preparativos e descanso, já que é longa a viagem que me espera, sempre com Emirates, pelas razões que já illustrei em BISSAU DUE, de mais de 20 horas, considerando as escalas, com 7 horas de espera somente no aeroporto de Dakar.

Hoje, penúltimo dia da penúltima semana, aprofundamos mais ainda com E. a questão das barreiras à comunicação e à relação, e a importância das mensagens-Eu. Estou contente que, enquanto ontem estava um pouco perdida, e ela mesma tinha a sensação de dificuldade ao enfrentar estas novas coisas, hoje disse-me que percebe tudo com menor dificuldade: prova daquilo que muitas vezes repito aos meus “clientes”, que aprendemos dormindo, isto é, durante o sono o inconsciente elabora as informações recebidas.

Estes dois temas, as barreiras e as mensagens em primeira pessoa, levaram E. a falar comigo de alguns problemas pessoais seus que, por discricção, não relatarei aqui. Acolhi o seu desabafo.

De seguida, voltamos a encontrar a mulher em terapia intensiva, e expressei um exemplo concreto de mensagem-Eu: “Eu e a doutora E. estamos contentes que tu estejas melhor, estás a nos fazer felizes”. E. estava entusiasta deste exemplo, disse-me que gostaria de ir visitar todos os internados comigo, para vivenciar exemplos práticos daquilo que estávamos a fazer na teoria. Talvez, amanhã e durante os três dias da próxima semana, ainda consigamos fazer alguma coisa.

Estou a imaginar a minha partida. Quantas imagens trago comigo. Nas duas vezes que estive aqui, na Guiné-Bissau, nunca trouxe uma câmara fotográfica: foi para que pudesse fotografar com o coração. E quantas caras, quantas pessoas encontradas, com quem travei relacionamentos bons ou menos bons. Dos vendedores ambulantes nas ruas e no mercado, às pessoas que andaram pela casa onde morei, às que assisti, encontradas e muitas vezes reencontradas, às pessoas com quem trabalhei no ano passado e que pude abraçar novamente e, sobretudo, levo dentro de mim as pessoas com quem trabalhei este ano: afetos, tantos compartilhamentos e compreensões recíprocas, alguns desentendimentos, grandes ou pequenos. Mas, em geral, tenho a sensação de levar embora um grande saco de juta, desta vez não sujo, mas cheio de riqueza humana.

E, por ter já imaginado este grande saco de juta a ser carregado às costas, repleto de riquezas, hoje, enquanto vejo e revejo ações já realizadas, continuo a carregá-lo, com um sentimento de fim e de saudação. Carrego também um pouco do cansaço para levar, cansaço africano, sabendo que, por ter interrompido por dois meses todas as atividades na Itália, outro cansaço estará à espera. E também estão a me esperar tantas pessoas que, enquanto fiquei aqui, fizeram com que, muitas vezes, percebesse que eu fazia muita falta.

E, se assim for, quanta falta sentirão de mim as pessoas aqui?

Há alguns dias, o sol leva-se antes. Na minha caminhada matutina, já não me olha mais, portanto, dentre os galhos das árvores, mas acima destas. Põe-se também um pouco antes, mas sempre fica lá no céu por cerca de 12 horas.

Hoje, justamente, vivenciei um cansaço africano. Fui, como todas as manhãs, ajudar na realização das medições e a triagem em Imunologia. Continuo a fazer isto sobretudo para me despedir das pessoas assistidas que conheci neste período e que reencontrei várias vezes. É verdade que E. aderiu à greve e só vem ao hospital por conta do trabalho de formação comigo. Mas, por ter outro compromisso, dissera-me que teríamos nos encontrado às 12. Assim, fiquei no ponto Internet e retornei para o encontro. Os dois lugares não estão muito próximos, pelo menos, segundo a minha concepção de distância, não saberia dizer como seria pelas pessoas daqui. Às 12:30 chamei e não respondeu. Pouco depois, E. chamou e disse que não teria vindo. Eis o que é um cansaço africano.

Há camiões enormes a rodarem aqui na Guiné-Bissau, inclusive no centro da cidade. Camiões com dimensões despropositadas em altura mas, sobretudo, em comprimento. Acredito que na Europa seriam proibidos. E quando despontam por trás de uma curva, espera-se que, num determinado momento, terminem. Mas não, parecem não ter fim.

Tenho a impressão que aqui as pessoas esperam e deixam os outros esperarem para, finalmente, poder passar alguns momentos sozinhas. Aqui, com efeito, o tipo de vida e de relação manifesta-se em todas as áreas organizadas como clãs: difícil ter momentos de solidão consigo mesmo.

T., na verdade, finalmente terminara o trabalho com o FundoMundial, no meio da minha penúltima semana, e disse-se disponível. Todavia, não achava isto sadio, em consideração do grande entusiasmo e interesse de E., visto o nosso recíproco comunicar e perceber para além da dificuldade do idioma, e o facto de conseguirmos, o seu estar disposta a ir ao trabalho, apesar de ter aderido à greve, para partilhar a troca comigo, e visto também o interesse que demonstrou para a leitura do livro e dos meus textos; enfim, não achava em nada correto abandoná-la somente porque T. agora voltara a ser disponível. E nem queria. Percebia, com E., uma bela troca recíproca.

Não existem Universidades públicas, isto é, gratuitas ou com custos bastante reduzidos, na Guiné-Bissau. Somente há Universidades privadas e o custo é muito alto, mesmo quando forem geridas pelo governo. Todavia, em função das dificuldades do país, as instituições permitem que os estudantes parcelem as mensalidades, claro, até certo limite da dívida.

Hoje, última brevíssima semana de trabalho, que já começou com um dia de atraso por causa do 'feriado do feriado' (como dizia antes, o feriado de primeiro de maio caiu num domingo e por isso, ontem, segunda-feira, foi feriado), comecei a me despedir. De José, que somente agora deu-se conta que viajarei no final da semana; do imunologista, que me disse que todos lerão tudo aquilo que escrevi, mesmo o que ainda não chegou, e avaliarão o meu conteúdo, qual foi e até onde chegou; de JQ, e nos dissemos que nos sentíamos tristes. O primeiro e sentido adeus também com a diretora, à qual deixei uma lembrança e todos os remédios que trouxe e que ficaram inutilizados.

A diretora assinou um atestado para mim e decidimos como enviar-lhe a última parte escrita, esta, "BISSAU DOIS tris" em italiano, para que possa aprová-la e, depois, enviar também a tradução. Deixei-lhe a lista das pessoas que irão recebê-la, como as partes anteriores, com a diferença que, para as outras também, E. vai recebê-las em lugar de B.

Em pediatria, E. não apareceu. A escola do filho de dois anos estava em greve e não podia abandoná-lo. Veio a adolescente a quem sugerimos escrever, já que não conseguia reter seus pensamentos, e voltará amanhã. Também a outra adolescente, indicada pela pessoa da Secretaria, que não conseguia aceitar a ideia de conviver com a SIDA, contactada por E., virá amanhã.

Durante a tarde e à noite, trabalharei novamente com T. Encontramos uma mulher e logo depois o marido, como pacientes privados de T., pessoas que me foram encaminhadas por um meu contacto em Bissau, do ano passado, ligado a Casa Emanuele.

Foi muito bonito ver a maneira com que T. acolhia e aceitava naturalmente as relativas, respetivas e subjetivas verdades de uma e do outro. Eu fiz algumas intervenções para oferecer uma direção ao processo que, tenho certeza, irá prosseguir. Estou muito contente por ter encontrado para T. dois pacientes privados.

É paradoxal. Hoje, enquanto pela penúltima vez percorria o caminho rumo ao hospital, era como se as pessoas que encontrava lessem no meu rosto que estava prestes a viajar. Cumprimentavam-me antes que eu o fizesse, e cumprimentaram-me também outras, que nunca o fizeram: com grandes sorrisos, perguntando como estava.

No setor, ajudei com as medições e a triagem de sempre, mais uma vez a ocasião para rever alguém e, desta vez, me despedir: "*domingo io a Italia*", domingo voltarei à Itália. Revi também três pessoas, uma mulher e dois homens, que falam francês, e então a troca foi mais intensa.

A diretora, ainda, ofereceu-me um presente maravilhoso: os perfis típicos, em ébano esculpido, da feira do artesanato, de homem e mulher que se olham. Achei demais. A diretora disse-me que era o mínimo, considerando o que havia feito no hospital. Estou comovida.

Antes de ir à Pediatria, a diretora pediu-me para que fizesse uma entrevista com uma pessoa desesperada e muito decepcionada. Ela teria feito a tradução. Todavia, houve algumas dificuldades ligadas à forma de ser e de se posicionar em relação a esta pessoa, portanto sugeri que fosse E. a segui-la e a dar continuidade.

Na Pediatria, já que a adolescente que escreveu os seus pensamentos não veio, E. perguntou-me como devia se comportar quando a garota tivesse lido as partes escolhidas. A minha resposta não podia ser outra: ouvir muito, fazer escuta ativa, e retornar com muita empatia.

A outra adolescente, que tinha grandes dificuldades em conviver com a SIDA, veio. Estava feliz, alegre, fazendo o tratamento. Agradecemos, porque a sua atitude nos deixava felizes. Só pedi que fizesse uma promessa: antes de interromper os fármacos, ligasse para E. Nos apertamos as mãos e nos abraçamos.

De seguida, E. formulou várias perguntas. Especialmente em relação ao comportamento não-verbal do terapeuta, ao uso da respiração, e ensinei-lhe um único exercício factível sem um curso apropriado, a como gerir situações graves e reafirmei a importância de um auxílio também de tipo farmacológico; e ainda como ajudar a elaborar um luto. Neste último caso, falei da importância de rever juntos as recordações, inclusive olhando fotos, de acolher o choro e, mais uma vez, muita escuta ativa, muito retorno empático.

Despedimo-nos calorosamente, uma agradecendo a outra. Iremos manter contacto por correio electrónico. Estou feliz, porque me disse: “Estava com muitas dúvidas. Agora diminuíram bastante”.

Nestes meses, a palavra-passe era comunicar e compreender. Em milhares de maneiras e linguagens, sem prestar atenção à língua formalmente correta. Português, francês, inglês, crioulo, línguas étnicas, e até italiano, até falar com gestos e desenhos, como desenhar um ponto de interrogação para perguntar se havia perguntas a serem feitas!

Prepara-se a temporada das chuvas. Com mais frequência, o céu aparece carregado de nuvens e sopra vento. Quem sabe se domingo, quando sairei, o céu chorará.

Após a ajuda costumeira nas medições e triagem, me despedi daquela bela pessoa da Secretaria e nos agradecemos reciprocamente. Depois, falei por um bom tempo com o imunologista. Ele disse que, por ter falado um pouco com todos, sabia que todos estavam contentes com o meu trabalho, que dei muito. Eu disse que também tinha aprendido e recebido muito. Mais uma vez, expôs-me uma nova ideia: formar grupos de adolescentes muito novos, a partir de 14 anos, para sensibilizá-los sobre o aspecto sexual. Sugeri E. Ainda, acrescentei a importância de sensibilizar também nas tabanka, para os problemas dos rituais, das tatuagens, das escarificações sem esterilização. Disse-se de acordo. E senti a necessidade de repetir mais uma vez que “se as pessoas sentem-se compreendidas, ouvidas, amadas, nos escolhem”. Desta vez, o imunologista pareceu-me mais sensível e atento a este meu pensamento. De seguida, disseram-me para aguardar. De facto, era o dia das despedidas.

E chamaram-me na sala da diretora, onde estavam todos presentes. Todos contribuíram para dar-me um outro presente: duas estátuas estilizadas de figuras humanas, belíssimas, das quais uma era o maravilhoso “pensador”. Mais uma vez, disse que era excessivo. A diretora, em nome de todos, repetiu que poderia parecer excessivo aos meus olhos mas, para eles, era o mínimo, em relação a tudo quanto havia feito e dado. Disse que ficarei para sempre nos seus corações. Agradei a cada um porque cada um fora importante, quis comunicar a razão pela qual não tinha trazido o aparelho de fotos, para fotografar com o coração, e destaque o desejo e o compromisso de manter contacto pela Internet. Abraçámo-nos um por um. A diretora, na derradeira despedida, disse enfaticamente “*Mi mancherai*”, sentirei a sua falta. Mas, antes, JQ foi especial: deu-me, como presente, uma pulseira sua, junto como brincos e colar com as cores da bandeira da Guiné.

Ao ir embora, encontrei uma pessoa assistida com quem falei na semana passada em francês. Pediu-me o número do telefone italiano e quis me dar o seu, “em caso de emergência”, disse. E, brevemente, me contou: não tem pais, tem dois irmãos claudicantes, não tem trabalho, deve comprar alguns remédios mas, se eu o chamar para alguma emergência, ele corre. De facto, desde que falou comigo, apesar de todos os problemas, sente-se mais forte. Despedimo-nos com muito carinho.

Não se trata do ‘mal da África’, mas do ‘mal das pessoas da África’. Pelo menos, destas pessoas e dos Guineenses. O meu saco de juta está sempre mais cheio de riqueza humana.

Preparei a bagagem. Uma dor surda, profunda, forte, um peso no coração. Apesar de retornar a abraçar os meus afetos italianos, o meu marido e, no mínimo, as 36 pessoas mais próximas, um pouco de família africana, uma dor. Esperam-me também 40 situações terapêuticas que atualmente sigo na Itália, e muitas das mais de 150 situações encerradas das quais, vez por outra, alguém volta a dar notícias e a me procurar E os amigos, os colegas, para além, como dizia, das tribulações. Todavia, uma dor. Não pude não dizer “Vou voltar”. Quando, como, porquê, não sei, mas sei que vou voltar.

E não escrevi para publicar. Nunca utilizarei a África. Escrevia para mim. Mas logo me dei conta que podia ser algo útil também para eles, os meus amigos do hospital. Por isso, mandei traduzir o material enquanto ainda estava aqui, para começar a trocar opiniões, pontos de vista, sensações, dúvidas.

Assim, este texto será útil para muitas pessoas que, atualmente, acompanho em terapia. Como dizia a alguns colegas, antes de viajar, ao retornar deste meu trabalho da África, no ano passado, encontrei a quase todos melhorados e, este ano, começaram a melhorar até mesmo antes de eu partir: arregaçavam as mangas para conseguir se virar sozinhos, porque torciam, torcem a favor deste meu empenho. E mais: vou adorar compartilhar este texto com alguns parentes, amigos, colegas, pessoas preciosas.

Quero muito vivenciar uma experiência com Médicos Sem Fronteiras. Mas desde já tenho uma vaga suspeita, de que ficarei decepcionada. Então, ao retornar aqui, não vou abrir mão de um curso de crioulo, porque quero aprofundar ainda mais a minha experiência nesta realidade.

A luz elétrica, nos últimos 20 dias ou mais, comportou-se como um fantasma: aparecia e desaparecia. E fazia-o até por longuíssimas horas, sem aviso prévio: no meio dos teus afazeres, escuridão total e, quando menos esperavas, recomeçava a funcionar.

Eis que estou aqui a pensar no que trazer da Itália para cada um deles. Acho mesmo que esta ideia de voltar, na minha mente, já está a ser programada. Sempre me disseram que uma das minhas

características é a de jogar o coração para além do obstáculo. Se e quando isso acontecer, gostaria mesmo de estudar crioulo na Itália, para chegar aqui já 'crioulada'. Mas, como fazer?

É paradoxal! Ao olhar a lista de coisas que queria fazer, aparece o item "Consulado". É o Consulado da Guiné-Bissau, na Via Nomentana em Roma, onde fui tirar os vistos. Já, há pessoas muito gentis, o Cônsul também é uma pessoa deliciosa. E este item estava na minha lista porque o Consulado tem uma biblioteca belíssima sobre a África e pensava de ir investigar: já me deram a permissão. Eis de onde partir para o curso de crioulo: do Consulado. Eles saberão certamente me ajudar.

Não se se tudo isto é para amenizar a dor, mas, por me conhecer como me conheço, não acredito. Seguramente, antes uma experiência com MSF. Agora que está decidido o retorno, e o retorno equipado com crioulo, estou um pouco contente de partir. Mas somente um pouco, porque ao meu 'voltar' ainda falta muito tempo. Este ano vai passar; depois, com a experiência de MSF, passará mais um; de seguida, necessariamente, outros três, entre estudo e trabalho, para completar a minha graduação em Antropologia. E estes três anos não podem ser interrompidos, senão vou perder tudo aquilo que já fiz por conta das datas loucas fixadas pelo calendário académico italiano. Ainda, devo prestar atenção à saúde do meu marido, que está com alguns problemas e este ano completa 70 anos de idade. Não quero considerar a minha, de saúde: desta vez, já viajei com dois coletes ortopédicos, e consegui. Ressalvadas as incógnitas, portanto, devem passar quatro anos, além deste. Isto ainda me deixa triste.

Estou aproveitando o aspecto jocoso de Bissau. Aquele 'pensar em nada' e 'fazer nada', porque, durante os finais de semana, continuava a pensar nos pequenos-grandes problemas que enfrentava no trabalho. Quando retornarei, quero ficar mais tempo e conhecer também a faceta despreocupada e alegre da Guiné-Bissau. Devem ser belos o arquipélago, o mar, o porto, talvez alguma selva. Gostaria também de conhecer um pouco o período das chuvas, e portanto vir equipada com galochas e impermeável.

Parece um sonho, que esteja a fantasiar, quem sabe se será possível. Mas há uma brincadeira que faço realizar nas sessões de observação, pelas crianças de 6 a 12 anos: um teatro de areia, muitíssimos objetos e personagens. Peço para que construam e imaginem uma história impossível que depois deverão me contar. No final, concluo: "Somente ao imaginar o impossível realizamos o possível".

A pediatra esposa do imunologista acabou de vir me visitar expressamente para me trazer um tecido muito precioso, que percebi ser sagrado: o pano que se usa nos momentos importantes da vida, para o nascimento e para a morte. Uma confirmação daquilo que intuía. Assim como as crianças, em sentido positivo, estão mais em contacto com a terra, por causa do seu baricentro baixo, estas pessoas estão mais em contacto com a terra, com aquilo que é natureza e não superestrutura, razão pela qual a morte e a vida são uma única coisa. Não é por acaso, portanto, que estas pessoas estejam frequentemente sentadas ou deitadas sobre a Mãe Terra.

Paradoxalmente, para mim a situação era demasiadamente clânica. Mas agora sinto um silêncio ensurdecedor. Faltam-me as caras e as vozes, e o que estava por trás de semblantes e vozes, da diretora, de R., de JQ, do imunologista, das voluntárias, das pessoas assistidas, da secretária, da pesquisadora dinamarquesa, falta-me a confusão do setor.

Tenho como a sensação de ter casado com a Guiné-Bissau. E, como acontece em muitos casamentos, quando os dois têm trabalhos distantes e diferentes, ficam afastados por um tempo, e depois se juntam novamente. E, como aprendi durante os 29 anos com o meu marido, a distância dá espaço ao desejo: ao estar próximos demais, o desejo não tem espaço para entrar. Talvez, até isto sirva aos Africanos, quando aguardam e deixam aguardar: para desejar. Lembro agora que a pediatra disse-me que aquele pano sagrado que me deu de presente usa-se também para os casamentos!

E sinto mesmo o medo que se sente antes do casamento, isto é, antes de estreitar um laço que deveria durar pela eternidade. O medo de quando se promete solenemente de estar juntos, na saúde e na doença, na pobreza e na prosperidade, na alegria e na tristeza.

Geminação. Eis uma outra palavra que me vem à cabeça. E, desde muito pequena, fui confundida como gémea da minha irmã mais velha de um ano e meio, porque era alta como ela e éramos muito parecidas, embora eu acreditasse que ela era a mais bonita e ela pensasse que eu fosse a mais bonita. Depois, alguém explicava: "Não, ela é a menor", ao me indicar. E eu ficava triste. Talvez tenha chegado o momento de vivenciar esta palavra: gémea. Uma geminação entre mim e a Guiné-Bissau. Claro, há um pouco de megalomania nisso. Uma geminação é entre entidades pares: duas cidades, dois países, como neste caso. E daí? Quero sentir-me um país. Afinal, com todos os paradoxos da realidade, isto não seria tão absurdo. Quando dizia, aqui, que somente a cidade de Roma tem mais do que o dobro dos habitantes da inteira Guiné-Bissau, todos arregalam os olhos. Não seria este um paradoxo? "Talvez" (!) até agora me diriam "Não, ela é a menor" ☺, e este seria, então, o meu karma.

Não posso dizer de não ter nunca recebido tanto na vida, não apenas em nível material e simbólico, mas também moral, psicológico, afetivo, humano. Recebi e recebo muito das pessoas que acompanhei e



acompanho em terapia, pelos amigos, pelos colegas, pelas 36 pessoas, mais de três equipas de futebol, com quem tenho laço de parentesco e afetos muito próximos. Uma sobrinha dizia-me ao telefone que, com a minha irmã mais nova, há alguns dias, todos dizem “Tranquila, daqui a pouco Mirella volta”. Mas certamente, aqui recebi muito, e em todos os níveis, de todos e cada um, em todos os cantos da cidade e do hospital por onde passei, e por todos juntos. E, depois que os amigos de Farim que vieram se despedir me trouxeram calças africanas, castanhas torradas por eles, música africana e até mesmo um galo vivo, do qual se desfez uma pessoa paupérrima, e depois que me distrai com eles, ouvindo a mim mesma regressivamente, sensação de um pilar de referência aqui para mim: a diretora. A todos, os meus mais profundos agradecimentos.

Vi muitas pessoas com os olhos marejados na hora de se despedirem, porque não sabiam, e não dependia delas, se teriam voltado a me ver. Eu não tinha lágrimas aos olhos porque, dentro de mim, sabia que a volta dependia de mim.

E ... o casamento ... a germinação ... o crioulo ...

Bissau, 7 de maio de 2016

E o presente da viagem me envolve.

Bissau, 8 de maio de 2016, 3:00 horas da madrugada

Maria Mirella D'Ippolito  
Psicóloga e psicoterapeuta  
Viale Londra 47/G/19  
00142 Roma – Itália  
0039/065031830  
0039/3807032471  
[mmdippolito@tiscali.it](mailto:mmdippolito@tiscali.it)  
[www.mmdippolito.com](http://www.mmdippolito.com)